

O EMPREENDEDORISMO NA EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA: IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DA JUVENTUDE

Ana Cláudia Ferreira dos Santos,

Carina Alves da Silva Darcoleto

O tema do empreendedorismo no campo educacional vem sendo amplamente debatido por diversos autores, com especial ênfase em sua inserção na formação da juventude. Trata-se de uma proposta frequentemente apresentada como resposta à crescente precarização e escassez de postos de trabalho, além de estar ancorada na premissa de que o fomento ao espírito empreendedor impulsionaria os processos de inovação necessários ao capital.

Na contramão dessa premissa, cabe problematizar a própria concepção de inovação que está posta sob a ótica da sociabilidade capitalista. Como aponta Ferraz (2021), enquanto a capacidade de inovar constitui uma prática humana genérica e independente do modo de produção, no capitalismo ela se reduz estritamente à produção de mais-valor, de modo que o surgimento do novo fica condicionado à sua capacidade de valorização do capital.

Diante disso, este trabalho busca discutir a formação de sujeitos empreendedores no contexto da sociedade capitalista contemporânea, de caráter neoliberal. Para fundamentar essa reflexão, adota-se como aporte teórico-metodológico o Materialismo Histórico Dialético, considerando que esse referencial se preocupa com a compreensão dos fenômenos da realidade na sua totalidade, historicidade e buscando captar as suas contradições. Nessa direção, para compreender a centralidade do empreendedorismo na educação contemporânea, é fundamental analisar criticamente o papel atribuído ao "empreendedor" no processo produtivo e suas relações com a educação.

Conforme Ferraz (2021), a inovação não decorre da figura idealizada do empreendedor, e sim do processo de trabalho executado pela classe trabalhadora. É no trabalho vivo que se reativa o trabalho morto, acumulado nos meios e instrumentos de produção, como é o caso das máquinas, gerando novas necessidades e novos instrumentos.

Assim, a inovação é reflexo do desenvolvimento das forças produtivas na relação dialética entre objetividade (matéria-prima e meios de trabalho) e subjetividade (que perpassa a formação do trabalhador, sua compreensão sobre a realidade e sobre seu objeto de trabalho).

Apesar dessa realidade material, a ideologia do empreendedorismo é associada à inovação, defendendo que os conhecimentos envolvidos no empreender gerariam mais empregos e produtos inovadores para o mercado. Para Coan (2013), as iniciativas de educação empreendedora cumprem o papel de formar um novo tipo de trabalhador, o trabalhador-empreendedor e, simultaneamente, de reconfigurar a instituição escolar segundo a lógica da "escola empreendedora". Sob esse modelo, exige-se que o indivíduo desenvolva competências adaptáveis para gerir o próprio negócio ou atuar como "intraempreendedor", convencendo-se de que o empreendedorismo é a única via para enfrentar a crise estrutural do capital (Mészáros, 2002). Ferraz (2021) aponta que

> [...] ao anunciar quais características que são necessárias para atividade empreendedora, poderíamos reescrever conforme seu intuito real: caso você queira continuar vendendo sua força de trabalho para custear sua vida, você precisa agir de tal maneira, pois é isso que eu, o capital, estou precisando agora. (p.93)

A autora ainda problematiza que tais comportamentos não garantem que o sujeito consiga um emprego ou abrir uma empresa ou pequeno “negócio”. O real objetivo por trás do discurso empreendedor é mascarar os efeitos da crise do capital, enfatizando o empreendedorismo como solução para os problemas econômicos. Os reformistas da educação e seus adeptos têm promovido uma agenda neoliberal que visa diminuir a proteção trabalhista e transformar direitos sociais em mercadorias (Reis, 2019).

Na prática pedagógica, o empreendedorismo se materializa de diversas formas, seja por meio da ampliação do tempo escolar, da inclusão de disciplinas específicas ou de abordagens transversais. Esse movimento ganhou forte impulso a partir da aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio, que padronizou o conteúdo e inseriu o empreendedorismo no currículo nacional. Conforme o documento, é preciso

> [...] proporcionar uma cultura favorável ao desenvolvimento de atitudes, capacidades e valores que promovam o empreendedorismo (criatividade, inovação, organização, planejamento, responsabilidade, liderança, colaboração, visão de futuro, assunção de riscos, resiliência e curiosidade científica, entre outros),

> entendido como competência essencial ao desenvolvimento pessoal, à cidadania ativa, à inclusão social e à empregabilidade (BRASIL, 2018, p. 266).

Essa expansão curricular reflete uma mudança conceitual profunda: o empreendedorismo deixa de se restringir à abertura de empresas e passa a ser difundido como um "modo de ser" subjetivo, composto por atitudes que moldam o trabalhador proativo, flexível e disciplinado. Conforme Estormowski (2021), inculca-se no jovem a aceitação de posições subalternas, o conformismo com baixas remunerações e o autocontrole emocional diante das adversidades. Assim, as desigualdades estruturais são naturalizadas e a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso social é transferida integralmente para o sujeito.

Essa lógica se apoia no modelo de subjetivação neoliberal descrito por Dardot e Laval (2016), no qual a empresa se torna parâmetro para toda a vida humana, transformando cada indivíduo em uma "empresa de si mesmo", responsável por gerir e rentabilizar o próprio capital humano.

O fortalecimento desse modelo no campo educacional está associado à crescente influência de agentes privados, fundações e ONGs na formulação de políticas educacionais. Ao reconfigurar o papel da escola pública e transformar estudantes em "clientes" de um serviço regido pelo mercado, tal visão romantiza a livre iniciativa e mascara os condicionantes econômicos, sociais e de classe que determinam a realidade dos sujeitos.

Para Carmo et al. (2021), no Brasil, o empreendedorismo se manifesta predominantemente por meio de pequenos negócios e iniciativas individuais voltadas à mera subsistência. Contudo, os discursos neoliberais camuflam as desigualdades materiais subjacentes a essa realidade. Oculta-se, assim, o fosso existente entre a precarização vivida por trabalhadores de baixa renda e as narrativas ideológicas de ascensão e realização pessoal.

A partir desse estudo, conclui-se que a disseminação da ideologia empreendedora na educação básica atua como mecanismo de ocultamento das contradições do capitalismo e de sua crise estrutural. Ao promover a flexibilidade, a resiliência e a autoexploração como competências essenciais para a vida, a Reforma Curricular alinhada à BNCC mascara o abismo existente entre as promessas de ascensão social e a realidade de subsistência vivida

pela maioria dos trabalhadores, incluindo-se aqueles que vivenciam a condição de desempregados.

Em síntese, esse estudo permite afirmar que a promoção do "trabalhador-empreendedor" serve prioritariamente às exigências de valorização do capital em tempos de crise insuperável. Para que a formação escolar não se reduza às exigências do mercado, urge tensionar essa lógica pragmática, defendendo um projeto pedagógico que garanta o acesso ao conhecimento elaborado e instrumentalize a juventude da classe trabalhadora para a compreensão e enfrentamento das determinações sociais que regem sua existência. Por fim, considerando a complexidade do problema e os limites deste texto, não se pretendeu apontar soluções definitivas, mas fomentar uma reflexão crítica acerca das determinações neoliberais que sustentam o discurso do empreendedorismo.

Palavras-chave: Educação Empreendedora. Neoliberalismo. Juventude

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Resolução nº 3, de 21 de Novembro de 2018**. Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica. 2018.

CARMO, L. J. O.; ASSIS, L. B. de; GOMES JÚNIOR, A. B.; TEIXEIRA, M. B. M. O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 18-31, jan./mar. 2021.

COAN, M. **Educação para o Empreendedorismo**: Implicações Epistemológicas, Políticas e Práticas. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2011.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A Nova Razão do Mundo**: Ensaio Sobre a Sociedade Neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESTORMOVSKI, R. C. O currículo escolar como formador do sujeito empreendedor para o capital. **Linhas Críticas**, Brasília , v. 27, e36828, 2021 . Disponível em http://



educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-04312021000100127&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 Set. 2026.

FERRAZ, J. de M. **Para além da prática empreendedora no capitalismo brasileiro.** São Paulo: Actual, 2021.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2002.

REIS, L. H. F.. **Juventude LTDA:** A ideologia do empreendedorismo na formação dos jovens do século XXI. 2019. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFSC. Florianópolis, 2019.